

Rui Bertrand Romão

# A «APOLOGIA» NA BALANÇA<sub>5</sub>

A REINVENÇÃO DO PIRRONISMO  
NA APOLOGIA DE RAIMUNDO SABUNDE  
DE MICHEL DE MONTAIGNE

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

## PREFÁCIO

A obra que agora se dá ao público é uma versão adaptada e reduzida de uma tese de doutoramento em Filosofia concluída em 1999 e defendida no ano seguinte na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Consciente de que um livro destinado a um público mais vasto que o confinado aos especialistas e eruditos não pode deixar de se reger por critérios bem diferentes dos das meras obras académicas, tentei dar-lhe, nesta sua configuração, uma forma adequada ao novo propósito. Assim, procedi a cortes, aligeei o aparato crítico, redistribuí capítulos, diminuí citações e referências, e reformulei passagens no sentido de as clarificar. Apesar disso, o livro não deixará de denotar a sua origem. E não seria bom que de outro modo acontecesse, pois, se os ideais de rigor, de apuro informativo, de elaboração sintética, de risco interpretativo, de inovação teórica e de pertinência argumentativa que orientaram o Autor na dissertação doutoral não transparecessem neste seu avatar, de pouco valeria dá-lo à estampa.

O tema geral do estudo, a análise do cepticismo montaniano, ao tempo em que primeiro me interessei sobre ele, sem ser um domínio virgem, estava ainda pouco explorado, sobretudo de um ponto de vista filosófico e que tivesse em conta os mais recentes dados apurados na história do cepticismo quer o antigo quer o renascentista. Hoje em dia, a situação acha-se modificada, pois ele tem beneficiado de diversificadas e ricas contribuições, havendo-se mesmo tornado um alvo preferencial de muitos comentários, análises sábias e outros estudos. Têm em particular sido frutíferos os últimos anos, precisamente aqueles que medeiam entre a data do termo da redacção da minha dissertação, nos finais de 1998, e o presente momento.

Muitos dos mais relevantes desses trabalhos assinalo-os na bibliografia (foi neste período também que vieram a lume preciosos instrumentos de trabalho para todo o estudioso de Montaigne como, por exemplo, o inestimável *Dictionnaire* de Michel Montaigne dirigido por Philippe Desan; uma edição fac-similada a cores do manuscrito de Bordéus, dirigida também por Desan; um CD-ROM completo contendo fac-símiles das principais edições antigas dos *Ensaio*s bem como de todas as edições da tradução montaniana da *Theologia Naturalis* de Sabunde; e uma excelente edição crítica, devida a Alain Legros, das inscrições e pinturas que ornavam o espaço da biblioteca de Montaigne instalada na sua torre, *Essais en poutres*). Tal abundância, contudo, seja-nos permitido o modesto desabafo, não desactualizou deveras esta obra nem a tornou redundante ou supérflua. Antes, vê-se ela agora confrontada com alternativas de leitura que com ela se podem cruzar com proficuidade.

Devo aqui assinalar que em dois artigos recentes, posteriores à defesa da minha tese, e publicados em 2001 e 2004, John O'Brien, desconhecendo o meu trabalho como eu o dele (pelo menos, neste domínio) até entramos em contacto um com o outro em 2003, dá algum relevo a uma noção que é central neste livro, a da peritrope. Fora outras diferenças de nota, incluindo um grau de desenvolvimento diverso dado à noção, diga-se que para O'Brien a peritrope é uma figura discursiva fundamentalmente de carácter técnico, desprovida de significado filosófico, ao passo que para mim trata-se de uma multimoda figura sobretudo importante nas conotações e implicações filosóficas e cujo aspecto estritamente argumentativo (de resto, subordinado à dimensão filosófica) é apenas a expressão mais elementar e original, servindo de ponto de partida para a caracterização de toda uma tipologia de pensamento próprio.

A visão do cepticismo montaniano (centrada no mais extenso capítulo dos *Ensaio*s, a «Apologia de Raimundo Sabunde») explanada neste livro, afirmando-o reinvenção do cepticismo antigo, mormente do pirronismo, distancia-se daquelas outras visões que, de uma ou de outra forma, ou o colam demasiado ao modelo helenístico, ou, ao invés, dele o distanciam em excesso. Para marcar a originalidade filosófica de Montaigne, não nos parece necessário contrastar de tal modo a sua reformulação do cepticismo com os modelos antigos que se dilua por completo a relação. Montaigne, do meu ponto de vista, decerto não terá sido propriamente um discípulo de Sexto Empírico

através dos séculos ou, mesmo, e mais prosaicamente um autor de tal modo influenciado (no sentido tradicional do termo) em dado momento da sua vida (mais ou menos determinável) pela leitura dos textos pirrónicos que teria aderido a um pensamento antes dele desconhecido. Não. Creio que Montaigne era já algo céptico e uma espécie de parente espiritual dos pirrónicos em múltiplos aspectos quando veio a conhecer tais textos. Ter-se-á então de alguma maneira descoberto como um céptico involuntário, ou antes, poderá haver imaginado que esses antigos autores exprimiram na antiguidade uma atitude muito semelhante à sua. Terá então tido a revelação de uma fraternidade filosófica inesperada. Seja como for, nunca devemos encarar, de maneira incontestável, o cepticismo como um qualquer rótulo a afixar aos ensaios e ao seu autor que cinja a compreensão da obra.

Este livro como agora surge determinado e publicado não seria possível sem o auxílio ou os contributos de muitas pessoas a quem não posso senão agradecer. Recordo assim os sábios conselhos e o apoio constante de Leonel Ribeiro dos Santos bem como as críticas não menos sábias e as valiosas informações fornecidas por João Paulo Monteiro, em especial aquando da defesa da minha tese, da qual foi ele arguente. A indefectível amizade de António Marques, vinda de há décadas, bem como o seu continuado estímulo e as suas judiciosas observações também não podiam deixar na minha memória senão o lastro de um profundo reconhecimento. As conversas filosóficas, e em especial as que de perto ou de longe diziam respeito aos temas do meu trabalho, que, já depois da apresentação da minha tese (a respeito da qual devo ainda agradecer o apoio de Olga Pinho, Nuno Nabais, José Gil e Luísa Couto Soares), também tive com, entre outros, e em medidas diferentes, Maria Filomena Molder, Diogo Pires Aurélio, Adelino Cardoso, Hervé Baudry, os já mencionados John O'Brien e Alain Legros, Lawrence Rhu e Paulo Tunhas (aos quais, de resto, se devem excelentes contributos originais aos estudos sobre Montaigne publicados nos últimos anos), de igual modo acabaram por, ainda que eles o não soubessem, a ajudar-me, de uma ou de outra forma, no labor de refundição e revisão da obra.

Há duas pessoas, porém, a quem mais do que a todas as outras me acho em dívida no que se refere à minha tese e a este livro, razão por que a elas o dedico: o recém-desaparecido Fernando Gil, meu mestre por mais de trinta anos (desde que tive o privilégio de

frequentar seminários regidos por ele na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa) e o orientador da minha dissertação; e a minha mulher, Ana Maria Rocha, que igualmente trabalha temas ópticos, no caso dela, a propósito de David Hume, em especial. Deu-me ela alento, quando eu andava exânime, clarificou-me sempre que me viu confuso, espicou-me sempre que me via precisar disso e, fértil em sugestões, proveu-me amiúde de excelentes conselhos. Fernando Gil foi, a nível mundial, dos mais importantes filósofos do século XX e início do XXI que, conhecendo profundamente a obra de Montaigne (um seu autor de cabeceira), viu-se por ela de alguma forma marcado, sempre foi com ela dialogando ao longo dos tempos e lhe dedicou e aos seus temas reflexões e observações penetrantes, cujos sinais se encontram esparsos por escritos publicados, para não falar do conhecimento directo que pessoas bafejadas pela fortuna puderam auferir de algumas dessas suas reflexões.

## ÍNDICE

Prefácio .....	9
Introdução .....	13
SECÇÃO A – CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES SOBRE AS CIRCUNSTÂNCIAS DO APARECIMENTO DA APOLOGIA .....	25
I – Pretextos .....	25
I – Contextos .....	58
a) A tradição fideísta .....	59
b) A redescoberta do cepticismo antigo nos séculos xv e xvi .....	65
c) A bipolaridade temática da exaltação e da depreciação do homem .....	79
d) A obra e o pensamento sabundianos .....	82
e) Os Ensaio face à tradição autodescritiva do século xvi .....	124
SECÇÃO B – A ESPECIFICIDADE DA APOLOGIA .....	135
I – Uma Apologia entre os muitos capítulos dos Ensaio .....	135
1 – Situação no tempo .....	135
2 – Situação no espaço dos Ensaio: a Apologia como capítulo .....	142
I – Das muitas Apologias em uma só .....	150
1 – Desordem/ordem na Apologia: pontos de sutura e esquema linear do capítulo .....	152
2 – Ordem/desordem: o espaço da Apologia em ensaio .....	160

SECCÃO C – MONTAIGNE CONTRA PHILOSOPHIAM – I: O OLHAR DO EXTERIOR – O PARADOXO CENTRAL .....	203
SECCÃO D – O PIRRONISMO ANTIGO .....	309
I – A questão do pirronismo de Pírron .....	309
I – O primeiro neopirronismo .....	363
SECCÃO E – MONTAIGNE CONTRA PHILOSOPHIAM – II: O INTERIOR DO OLHAR: A EXPOSIÇÃO DO PIRRONISMO NA APOLOGIA COMO AUTO-REVELAÇÃO OU O CENTRO PARADOXAL .....	389
SECCÃO F – LINGUAGEM PIRRÓNICA E ESCRITA MONTANIANA: INTENTO DE JUSTIFICAÇÃO DA AUTO-REVELAÇÃO PIRRÓNICA NA APOLOGIA .....	451
SECCÃO G – O FILÓSOFO IMPREMEDITADO E FORTUITO: O PIRRONISMO REINVENTADO .....	505
I – A razão instrumental .....	505
I – Eris e Polemos: a utilização montaniana dos troços pirrónicos .....	514
III – O filósofo impremeditado e a constância paradoxal .....	559
Conclusão .....	571
Bibliografia .....	577
Índice onomástico .....	599